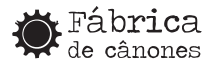


CRESCENTE FÉRTIL

CAROLINA ROLIM

CRESCENTE
FÉRTIL

1ª edição | São Paulo | 2023



Copyright © Fábrica de cânones, 2023

Crescente fértil © Carolina Rolim, 2023



Editor

Eduardo Guimarães

Revisor

Guilherme Sakai

Projeto gráfico e diagramação

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R748 Rolim, Carolina
Crescente Fértil / Carolina Rolim -- São Paulo : Fábrica de cânones, 2023.
68 p.
ISBN 978-65-851480-0-9
1. Poesia brasileira I. Título

CDD 869.91

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Fábrica de cânones
R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana
CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil
Tel: (11) 98338-2314
@fabricadecanones
fabricadecanones.com.br

ÍNDICE

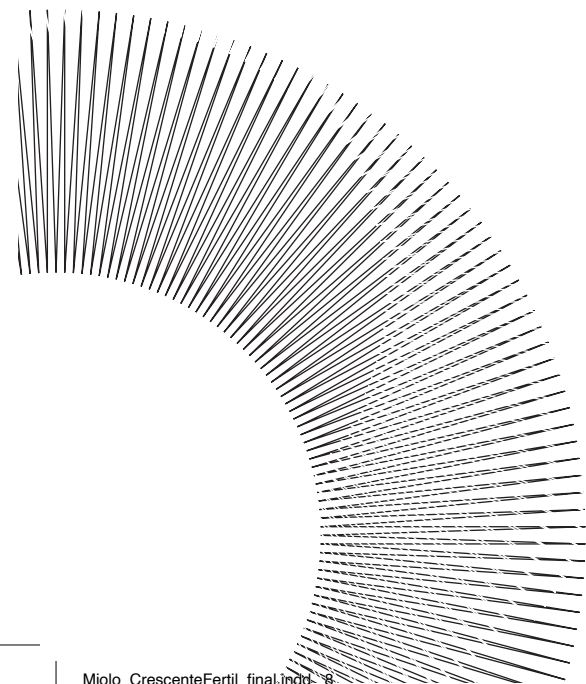
9	I	PARA QUE VOCÊ CHEGUE NUM DIA DE CHUVA
17	II	CIDADE BAIXA
26	III	SOBRE O ATO DE CRIAR
35	IV	NÓS
43	V	ORÁCULO
55	VI	DIÁRIO CINEMATOGRAFICO
65		AGRADECIMENTOS
71		POEMAS & PROSAS POÉTICAS

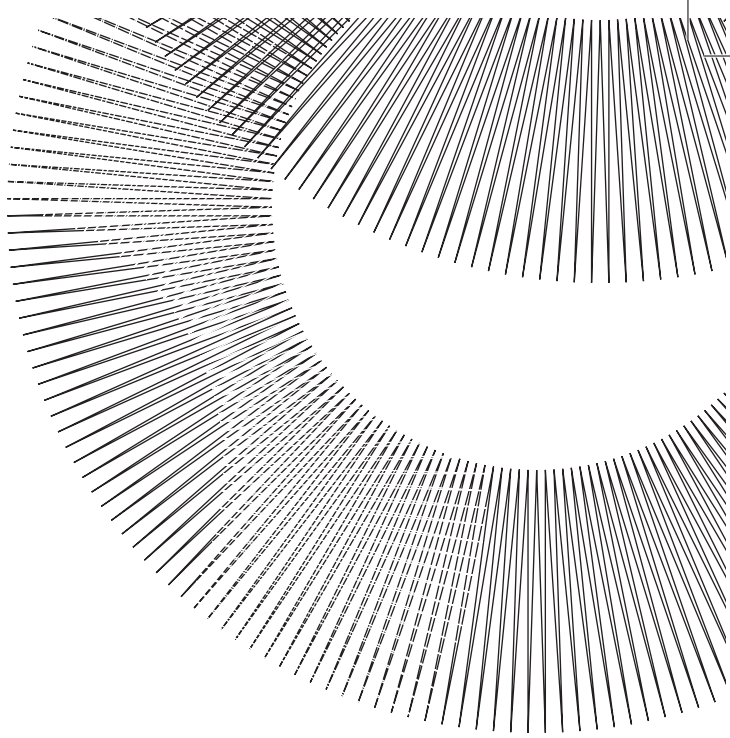
*As ondas dos cabelos
se entrançando nas crinas.
(Alceu Valença)*

*Tapindaré sabe quem eu sou
Embora que eu seja uma mulher
Eu moro na aldeia de Tapindaré.
(Baião de Princesas)*

*Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
(Davi 23:1)*

*para meu pai, Gilson, que me ensinou a nadar.
para meus irmãos Rodrigo, André e Vinicius,
pelo nosso glossário de afetos.*





|
PARA QUE VOCÊ CHEGUE
NUM DIA DE CHUVA

quero te convidar pra dançar. a chuva que cai lá fora pode garantir a nossa safra de janeiro. teremos milho, feijão, manga e calor. dançar na chuva é para os loucos e assim somos. nos juntamos. eu não sei quem você é, mas você está chegando, então só posso me sentir feliz. posso experimentar meus sentidos se abrindo e sua presença chegando pelas brechas. como esperar por esse momento? você também escuta os meus sinais? trouxe o livro do Rilke para ler na cama. poderia ser outro, mas os livros caem nas nossas mãos quando estão maduros. é assim comigo. e olha que bonito: são cartas a um jovem poeta. assim como nós, poetas jovens que desejam o mundo em todas as suas possibilidades. mesmo que chova. acho que, se fosse hoje, eu escolheria nascer num dia de chuva.

estava tomando banho pensando que precisei ir a São Paulo para descansar, dormir até tarde. quando foi a última vez que você dormiu até tarde? escrever não cansa, cansam mais as ideias que fogem. precisamos resgatá-las, dar-lhes uma vida mais duradoura que a das borboletas.

tenho aprendido a compreender sem palavras, mas não é tão gratificante. talvez a gente guarde muito do que não diz e eu penso: pra quê? onde? somos uma caixa torácica de palavras em desuso. me lembrei da Matilde Campilho. poderíamos atravessar a cidade para ver: o mar, o horizonte, a chuva em outro ponto. repara que eu não sugiro ver o pôr do

sol, mas isso também pode ser bonito. talvez ganhe um significado que os clichês não têm, ao teu lado. comecei essa carta te fazendo um convite porque todas as manhãs, enquanto preparo meu café, eu sinto vontade de dançar. sinto vontade de cantar bem alto um jazz bonito, mesmo não sabendo falar inglês. qual é a sua música favorita? você sabe quais os cinco discos que levaria pra ilha deserta? talvez seja bom pensarmos neles antes de fecharmos as malas das nossas aventuras. podem ser úteis em dias alegres e tristes, porque vamos passar pelas duas coisas, muitas vezes. há alguns anos sonhei com um pé de maçã carregado. ele estava plantado na frente de uma pequena vendinha. a rua era tranquila e eu passava por essa árvore por volta das quatro da tarde. sempre gostei desse horário e era a hora do meu sonho. queria saber interpretar os significados dos sonhos, mas até hoje só consegui anotá-los num caderno. bom, o fato é que tempos depois eu consegui fazer vingar uma semente de maçã e ela está crescendo. cuido dela com muita paciência porque sei que você pode gostar de maçã e, se quiser, podemos plantá-la na terra juntos. posso te esperar pra isso? posso te esperar para todas as outras sementes? mesmo que seja dolorido e cansativo chegar, sempre haverá alguma flor pelo caminho. com amor.

• por que estou revisitando essa casa?
por que não parei antes na cozinha, sabendo que ali se fazia e desfazia o começo do fim da vida?
me observo preparando uma sopa. o fogão ficava ao lado de uma janela, fechada de noite, aberta de dia. não lembro qual era, exatamente, a paisagem dessa janela. a panela no fogo com o preparo da sopa era uma caçarola grande, que espelhava o que estivesse a sua frente não lembro qual sopa estava a cozinhar.

entrar nessa casa é revisitar o abandono. quantas vezes abandonamos tantas coisas na vida, o poema pela metade, e eu esqueci uma panela no fogo. naquela ocasião, parecia que eu cozinhava as palavras. durou menos de um mês o anúncio da vontade e a mudança de padrão. eu tomava banho quando você temeu sua própria escolha. queria que todos os símbolos estivessem nessa narrativa. a sopa no fogo, o louva-a-deus na parede do banheiro. por sorte, cantávamos todas as manhãs. eu não gostava de nina simone até você me apresentar. eu achava que nossa cama me conduzia ao abismo e acabei acertando. o que muito se evita se convive. preciso dormir agora, dormir é a única forma que encontro pra não pensar. eu disse que você era outra pessoa e você sabe que era. mais feliz. com certeza você já foi mais feliz, eu também fui. tento voltar pra estaca 10 de felicidade pra me soltar nela e não posso. abandonei a pessoa que mais amava sozinha numa casa na floresta e tento me entender por isso, mas ninguém se importa, minha vida melhorou. agora tenho a oportunidade de não esquecer a sopa no fogo.

- meu pai se transformou num cavalo na noite em que ele e minha mãe me fizeram. depois a abandonou grávida. meu fascínio por cavalos se justifica pela falta e minha forma se completa quando estou montada em um. minha mão escorre no pelo do animal buscando pela crina. meus olhos se fecham e eu disparo. atravessar o mundo em cima de um bicho desperta os olhares alheios e sou constantemente atingida no alvo: a cicatriz do dia em que nasci. ela se abre e arde, incurável.

- ☞ flecha certa atirada estirada na rabeira de um pedaço minúsculo atravessando em ruído a terra por baixo das folhas, as folhas recém molhadas que soam pingos. minha mordida respinga. o veneno tem sabor doce e embriaga. minha presa está preta, seus gestos me pedem socorro, mas meu instinto a devora com todos os sentidos. ainda me morde a danada. faz cócegas no meu corpo inteiro. e quando adormece já está morta, fadada ao cansaço que agora me toma e me amarga a vida. o mesmo canto escuro que me expulsou para a captura agora é pouso e me rendo a essa paisagem interior. o ato de saborear é descanso. desejo saciado ainda tem gosto de desejo.

• ◌ ainda tenho vestígios teus
uma câmera na mão
uma música na cabeça
apontamos para pés em pares num salão escuro
e vimos uma sapatilha vermelha borrar os passos
você me viu dançar
a gente dançava o tempo todo
foi de você que aprendi o ritmo da serpente
a forma de capturar e soltar

as coisas que tinha com você e amava
e as que detestava
tudo que você insistia e eu não conseguia perder
minha pouca idade, meu ciúme
as contas atrasadas
preciso me curar do teu veneno que ainda
circula nas minhas veias
da cama de tatame

nunca tive tantas dúvidas
como tenho agora
mas vou preparar o jantar